

AS EXPERIÊNCIAS COM A LEITURA E A LITERATURA NA/PARA A FORMAÇÃO DE SUJEITOS LEITORES-AUTORES

Jacqueline Martins da Silva,
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, jacqueflower@hotmail.com

Liliane Balonecker Daluz,
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, lili-luz@hotmail.com

Fernanda de Araújo Frambach,
Universidade Federal do Rio de Janeiro, nanda.s.a@hotmail.com

Introdução

Os estudos de Bakhtin e seu Círculo em torno da linguagem, arte e literatura inauguraram uma nova concepção de linguagem, que passa a ser concebida como produto social e que existe por meio da constituição dialógica entre os sujeitos e a sociedade. Compreendida também como processo de interação, a linguagem produz e é produtora de ideologias, pois não acontece fora do sujeito e da história. Então, enunciar não é simplesmente dizer alguma coisa, mas é considerar a alteridade, o outro, o contexto e o modo da interação verbal.

Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as. (BAKHTIN, 2014, p. 101).

Para Bakhtin (2014), na dinâmica enunciativa entre ouvinte e falante constrói-se a intersubjetividade humana, pois sendo a linguagem constituição social, aquele que fala sempre se dirige a outro, que não é por completo um ouvinte passivo. Desse modo, o autor defende o caráter dialógico e ativo entre os sujeitos participantes do ato comunicativo e a crítica à recepção passiva. Nesse sentido, avaliamos que os indivíduos e seus dizeres podem se tornar centrais em uma investigação, distanciando-se dos monólogos e de formas autoritárias.

Portanto, a proposta é trazer à cena reflexões a respeito de questões do campo da linguagem, leitura e literatura com base nos estudos realizados em uma pesquisa acadêmica, no âmbito do Mestrado em Educação¹. A costura desse texto centra-se nos sujeitos e nos

¹ Título da dissertação: *Tecer e (re)bordar: histórias de leitura em narrativas docente*. Faculdade de Formação de Professores. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2016.

textos que cada um produz. Consideramos por texto toda produção coerente que se expressa no âmbito verbal ou não verbal, oral ou escrito. De acordo com Bakhtin, para ter ciências humanas não se pode tentar compreender o homem em separado dos textos que ele produz.

O homem em sua especificidade humana sempre exprime a si mesmo (fala), isto é, cria texto (ainda que potencial). Onde o homem é estudado fora do texto e independentemente deste, já não se trata de ciências humanas (mas de anatomia, de fisiologia humanas etc.). (BAKHTIN, 2011, p. 312).

Bakhtin (2011) aponta que os textos caracterizam o trabalho das ciências humanas, pois o homem tem a especificidade de expressar-se sempre por meio de textos. Sem texto, não há o que investigar e o que construir como conhecimento. Essa compreensão bakhtiniana distancia as ciências humanas das ciências exatas. Desse modo, este texto oriundo de uma investigação com sujeitos e não com objeto de pesquisa encontra-se perante vozes polifônicas e com elas busca estabelecer diálogos. Por isso, os conceitos, as ideias e as narrativas apresentadas fundamentam-se em teóricos e na relação entre sujeitos, visto que “narrativa e memorização da história se opõem à massificação do mundo contemporâneo...” (KRAMER, 2010, p. 186). As narrativas como caminho metodológico ajudam a compreender o outro, a romper com a ideia de neutralidade científica e a resgatar a história das pessoas (FERRAROTTI, 2010).

METODOLOGIA

Trazer à baila algumas histórias de leitura de professoras, pela perspectiva de narrativas orais² memorialísticas, ajuda-nos a compreender não só as múltiplas formas de formação (BRAGANCA, 2014), mas também de relação com a leitura e a literatura. Esse modo de apreensão possibilita pensar que somos constituintes de nossas próprias histórias e que algumas práticas relacionadas ao ato de ler, alguns posicionamentos dos sujeitos como leitores e os possíveis limites e potencialidades da leitura no processo de constituição pessoal e profissional são frutos de construções históricas e de relações produzidas individual e coletivamente.

Além disso, analisar o modo como a relação com a leitura e a literatura, para além de prática ou gosto, vai sendo (entre)tecida ao longo da vida dos sujeitos permite-nos algumas reflexões. Passamos a refletir com maior atenção sobre a concepção de linguagem como

² A escolha por narrativas orais se dá por compreendê-las como fonte legítima de dados na/da pesquisa.

prática social, de leitura como experiência e ato dialógico, e de literatura como expressão viva para repensar a vida, o lugar do indivíduo no mundo e o entrecruzamento do individual e do social no processo de (auto)formação.

Para Bakhtin, a linguagem “está impregnada de relações dialógicas” (BAKHTIN, 2008, p. 209), sendo, portanto, prática social que comporta o verbal e o extraverbal. Dizendo de outra maneira, é resultante da interação humana, do diálogo entre o eu e o outro. Por isso, afirma ainda que a linguagem como criação coletiva está em movimento, sempre inacabada. A palavra é arena onde os valores de uma sociedade podem ser explicitados e postos em confronto. (BAKHTIN, 2014). Tais concepções ajudam-nos a defender que pela linguagem os indivíduos podem rememorar as histórias vividas. O ato de narrar-se e contar suas memórias apresentam-se como “parte do processo de fazer a história.” (KRAMER, 1998, p. 24). Nesse sentido, entendemos que história e linguagem não acontecem isoladamente, mas se entrecruzam. As professoras entrevistadas, na linguagem e na narrativa, podem recriar significativamente as experiências do passado, atribuindo a elas outros sentidos. Os diálogos acontecidos nas conversas são os que se dão no momento da fala e também os que se remetem aos já ditos. Afinal, sentidos de outros tempos e lugares se fixam na palavra, pois esta tem franjas, como diz Bakhtin. Então, muitas são as vozes que falam em um processo dialógico.

Benjamin explicita em sua obra a preocupação com os fragmentos, as ruínas, com as partes de um todo que tensionadas dissolvem e resolvem-se na linguagem (BENJAMIN, 1994). Nesse sentido, o indivíduo, como sujeito histórico, se constitui na/pela linguagem. Linguagem que, segundo Kramer (1993), “é produção humana acontecida na história; produção que – constituída nas interações sociais, nos diálogos vivos – permite pensar as demais ações e a si própria, constituindo a consciência.” (p. 103). Além disso, a descontinuidade pode marcar a história do ser humano e é a linguagem que, segundo Bakhtin, organiza, dá forma e direção à experiência. Sendo, portanto, essencial para a humanidade, oportuniza o resgate do passado, com possibilidade de pensá-lo criticamente no presente e atribuir-lhe sentidos outros. Ancoradas nestas reflexões, construímos esse texto pelo viés dialógico, a fim de corroborar para a legitimação de vozes docentes, contribuir para expressar que os processos formativos são muitos, singulares e dar pistas de que trajetórias pessoais e profissionais se interconstituem.

Quanto à concepção de leitura que defendemos explícita ou implicitamente nessa construção discursiva, apontamos que a compreendemos como valor, abertura a questionamentos e convocação à empatia. É processo de construção de sentidos, a partir de um texto. Envolve conhecimentos prévios do leitor e os elementos do contexto. Entendê-la desse modo simboliza considerar o caráter dialógico da linguagem e, conseqüentemente, sua dimensão social e histórica.

Leitura que provoca a ação de pensar e sentir criticamente as coisas da vida e da morte, os afetos e suas dificuldades, os medos, sabores e dissabores; que permite conhecer questões relativas ao mundo social e às tantas e tão diversas lutas por justiça (ou o combate à injustiça). (KRAMER, 2011, p. 40).

A ideia de leitura, em Kramer, ajuda-nos a pensar sobre a vida, os seus sentidos e a relacionar as linhas do que é lido às vivências do mundo. A leitura concebida dessa maneira pode oportunizar aprendizados naquele que lê ou naquele que escreveu. Leitura que pode tornar-se experiência “quando o leitor se deixa tocar e realiza de maneira, primeiro, desconstrutora, depois constitutiva, seu enlace com a linguagem, com o que está antes e depois dela...” (YUNES, 2003, p. 15). Nessa noção de leitura, o leitor não atribui ao texto um único sentido, mas permitindo-se enamorar com as palavras, envolve-se com o que está sendo lido/apreciado. A relação com a literatura, com a ficção traz àquele que lê a possibilidade de tornar a leitura como parte de si, entranhando-se nela, sendo dela pertencente e por ela pertencido, criando nesse espaço de interação uma pluralidade de significações.

Outros autores ajudam-nos a compreender a leitura como um movimento dialógico, interativo entre leitor e autor, mediado pelo texto em que esta pode nos tocar, suscitando indagações e reflexões. Freire (2003), por exemplo, nos desperta para a leitura como prática consciente e que se constitui como *ato crítico e reflexivo*, pois há um entrelaçamento entre a leitura e o contexto ao qual o sujeito pertence. Segundo o autor, a palavra pronunciada ou a leitura realizada flui do mundo, portanto, apropriar-se do texto é indissociável da ideia de ler o mundo. Eu posso exercer a leitura como *ato crítico e reflexivo* uma vez que a entendo como um movimento vivo em que apropriando-me, reflexivamente, do que é lido tenho a possibilidade de transformar e reescrever o meio no qual estou inserido.

Se além de livros e/ou palavras escritas, leio também o mundo, a leitura pode revelar-se em linguagens das mais diversas. Do barulho das ondas do mar à fotografia, da marca no

corpo à canção, do gesto à expressão facial: é possível ter uma leitura a recomençar. A leitura como atividade de linguagem é uma prática social que vai além da leitura da palavra, portanto, ler as nuances da vida, as (in)quietudes do ser, os mistérios do céu são algumas formas de leitura que podem desenvolver a reflexão crítica e a prática consciente, como preconizava Freire.

Em seus estudos sobre a filosofia da linguagem, Bakhtin provoca-nos a reconhecer a existência de uma “compreensão ativamente responsiva” (BAKHTIN, 2011) em um ato comunicativo. A ideia bakhtiniana pode ser facilmente transposta para o ato de ler. Ao ler, podemos compreender ativamente e responsivamente o que lemos. Em outras palavras, temos a possibilidade de produzir, explícita ou implicitamente, uma resposta de concordância ou objeção ao que lemos. Ao invés de assumir uma posição passiva, vivenciamos aquele momento de leitura como um *participante real* (BAKHTIN, 2011).

Nesse contexto, encontra-se a literatura que, entendida como arte, como experiência estética, traz em si não somente o papel de deleite, fruição, mas também de gerar questionamentos, sentimentos e emoções que precisam ser abordados, pois contribuem para a formação humana. O texto literário traz à tona deslocamentos, conflitos, risos, lágrimas, ternura, medo, entre outros sentimentos que podem nos ajudar a abordar e/ou compreender assuntos relacionados ao cotidiano, à vida e a relações interpessoais. Fruir a literatura é despertar olhares mais sensíveis e atentos, ampliar a compreensão do mundo e espiar para dentro, repensando sobre nós mesmos e sobre a relação com os outros.

Abreu (2006) aponta que a literatura “é fenômeno cultural e histórico e, portanto, passível de receber diferentes definições em diferentes épocas e por diferentes grupos sociais.” (p. 41). Por isso, o termo *literatura* aqui não ganha adjetivação ou letra maiúscula que a limitem a legitimar somente os textos reconhecidos pelas “instâncias de legitimação”, que são várias: a universidade, as editoras, a escola etc. Entendo, como Todorov (2009), que a realidade que a literatura aspira compreender é “simplesmente [...] a experiência humana.” (p. 77). Por isso, a relação com a literatura ultrapassa a última página do livro, as desventuras do personagem ou *gran finale* do enredo. Ela pode “discutir ou conversar com o leitor sobre a inquietação humana” (QUEIRÓS, 2007, p. 7).

As obras literárias podem caracterizar-se como “a arte de inventar, de fingir, de enganar e ao mesmo tempo mostrar o engano. É, portanto, uma linguagem instauradora de realidades e exploradora de sentidos, a qual possui uma capacidade de gerar inúmeras significações a cada

nova leitura.” (YUNES; PONDÉ, 1989, p. 39). Por isso, se “com a literatura, lembro e esqueço, me indigno, rio, choro, sofro e tenho prazer” (KRAMER, 2011, p. 41), penso que ela mostra-se aberta a múltiplas interpretações, recebe-nos não como intrusa, mas como coautores. Possibilita-nos a viver a *alteridade* (BAKHTIN, 2011), a ideia de que apenas o outro constitui o eu e pela linguagem expressiva provoca-nos a sair do lugar-comum, fazendo-nos conhecer a nós mesmos, ao outro e distintas formas de ver, viver, pensar e sentir.

Ribas (2008) ressalta que “fazendo leituras e leituras de literatura, é possível a quem lê renascer para além das velhas expectativas, dentro e fora das trilhas previsíveis, arriscar-se nas rotas e desvios, produzir sentidos para além das possibilidades usuais.” (p. 75). As palavras da autora levam-nos a pensar que aquele que lê, sobretudo, literatura tem a possibilidade de trilhar outros caminhos, viver para além do que já é conhecido, produzindo sentidos outros. Por isso, pensar a formação do sujeito leitor-autor pelo viés das histórias e experiências de cada um pode significar o fomento de entrelaces de pontos em comuns, que não se sobrepõem, mas se articulam.

RESULTADOS E DISCUSSÕES: O dizem as professoras sobre suas histórias de leitura?

Por pensarmos na contramão de concepções e políticas de formação que tentam apagar as nossas inúmeras histórias e zerar trajetórias e práticas que, de alguma maneira, ajudaram a construir a história do país e da educação, pois são produções de sujeitos que fazem a história e se constituem nela, propomos trazer à cena algumas histórias de leitura e a possibilidade de concebermos a formação de professores como aquela que ao se dar cotidianamente, nos múltiplos espaços/tempos, relaciona-se com o *desenvolvimento pessoal e profissional* (NÓVOA, 1995, p. 15).

As narrativas das professoras são um convite à reflexão. Vejamos o que disseram sobre suas relações com os livros, à leitura de literatura no cotidiano.

Eu gosto de tudo que toque a alma. Tudo o que beira o poético, o encantamento. Que fala realmente à alma. Então, vários gêneros têm essa capacidade. Amo a poesia. Se eu tivesse que enumerar, a poesia viria em primeiro lugar e a poesia pode estar em um romance ou em uma narrativa maravilhosa. A poesia está em todo lugar. Um livro tem que ter um “Q” que a gente não consegue nem explicar muito bem. Ele tem que tocar a alma de alguma maneira. Ele tem que atrair a mim e aos outros leitores, através de uma linguagem que toque o coração, então eu diria que a poesia me chama em primeiro lugar, seria o gênero que mais me encanta. Eu leio, escrevo e suspiro poesia. (L.B. professora, 2015)

Refletimos que esta narrativa traz explicitamente uma particularidade da professora quanto ao que diz gostar, tenta aproximar no contínuo do discurso o poético e o encantamento e também traz a presença e repetição da palavra *tudo* no início. *Tudo* que não é banalização, não sendo, portanto, qualquer coisa, pois vem acompanhado de complementação e, nesse caso, é o que encanta e toca a alma. *Tudo* que não estratifica ou segrega as múltiplas formas de manifestação do poético ou de apropriação dele. Pelo contrário, traz pistas que nos levam a entender que a docente abre-se para as diversas linguagens, podendo ainda transitar entre o que é considerado erudito ou popular.

Abreu (2000) observa que “a diversidade é constitutiva do ato de ler” e que “as formas de ler e avaliar os textos variam se se considerarem diferentes classes sociais, regiões, etnias etc.” (p. 121 e 123). Por isso, reconhecemos que os olhares do sujeito leitor-autor podem ser concordantes ou antagônicos nas leituras que faz e em relação às apreensões desse texto, e nisso reside a beleza dos variados modos de ler e a interação dialógica da/na leitura.

Dando continuidade ao exercício de reflexão da narrativa da professora, resgato uma de suas falas: *a poesia pode estar em um romance ou em uma narrativa maravilhosa. A poesia está em todo lugar.* (L.B.). A partir desse discurso, podemos inferir que há uma concepção implícita de poesia e com ela a possibilidade de a compreendermos de maneira mais ampla, na transcendência de uma forma estética. Desse modo, a poesia pode, de fato, estar em toda parte, como também no poema e em outras obras de arte. Nesse sentido, enquanto o poema pode ser concebido como a obra, o texto em si; ou ainda como “um jogo com a linguagem”, com “palavras soltas, palavras empilhadas, palavras desenhadas... em ritmo diferente da fala do dia a dia.” (LAJOLO, 2001, p. 5), a poesia caracteriza-se, segundo o poeta e crítico mexicano Octavio Paz, como “*un hacer*” (PAZ, 2009, p. 5). E como *un hacer*, pode ser pensada como uma atividade diária, um labutar cotidiano que convida o leitor/espectador/ouvinte a tornar algo poético. Assim, a poesia ganha amplitude de sentido, pois não se limita a expressar-se em uma única forma estética ou a manifestar-se somente na acepção de poema.

Ao envolver-se com a leitura, o leitor pode viver com as personagens e dividir anonimamente com elas o mesmo espaço. Além disso, pode mergulhar tão intensamente no texto que transparece essa paixão por meio do olhar, das atitudes e da fala. Sente a necessidade de compartilhar o que leu, quer que o outro, assim como ele, seja de certo modo afetado e contagiado pela magia daquelas palavras. Sentir o pulsar mais forte do coração ou o

sentimento de bem-estar pode ser a tradução do “*Q*” que a gente não consegue nem explicar muito bem, e que toma a nossa alma. Para Bartolomeu Campos de Queirós, “texto e leitor ultrapassam a solidão individual para se enlaçarem pelas interações. Esse abraço a partir do texto é soma das diferenças, movida pela emoção, estabelecendo um encontro fraterno e possível entre leitor e escritor.” (QUEIRÓS, 1999, p. 23).

Outra professora nos brindou com seu relato dizendo:

Agora eu tenho lido muito biografia. Estou lendo uma do Guimarães Rosa que a filha escreveu. Eu gosto muito de biografia. Eu estou até procurando uma do Martin Luther King. Então assim, eu vario muito. Não tem uma linha específica. Tudo, assim, o que for... O que chama minha atenção, que tem uma história envolvente, eu gosto. (M.F., professora, 2015)

As palavras da docente ajudam-nos a pensar na importância de se respeitar os variados gostos e apreciações estéticas como formas legítimas de apropriação e pertencimento no mundo literário, sem que as escolhas feitas representem linearmente a ausência ou recusa de outras leituras ou que algumas sejam legitimadas em detrimento de outras. Abreu (2000) afirma que “o gosto e a apreciação estética não são universais, mas dependem do universo cultural no qual se inserem os sujeitos.” (p. 129). Não podemos aqui afirmar quais formações culturais têm perpassado a trajetória da professora, mas refletimos que quanto maior for o espectro cultural, mais histórias e experiências de leitura teremos para contar, sendo por isso importante que haja o favorecimento de acessos e formas de interação.

CONCLUSÕES

Conhecer os sujeitos e suas histórias pode contribuir para um possível rompimento do automatismo da vida pós-moderna e também com a ideia de um contexto histórico como linear, coerente e perfeito. O resgate das histórias de leitura pode ainda na relação com o outro, (trans)formar e abrir possibilidade de *intercambiar experiências* (BENJAMIN, 1994), dar visibilidade àqueles que, às vezes, são esquecidos, mas que contribuem para a construção da história, da sociedade à qual pertencem.

A narrativa de histórias e experiências pode ressignificar a consciência a respeito do vivido. Essa situação pode ainda favorecer a construção de conhecimentos que arraigados na vida e nos enfrentamentos do cotidiano escolar suscitem para além da reflexão na/da prática a dimensão sociocultural e histórica inerente aos processos formativos. A experiência de narrar o passado e poder compartilhá-lo como citação traz à tona a ideia da educação como parte da

história cujas variadas posições políticas e expressões humanas podem dialogar e gerar (trans)formação. Kramer (2011) diz que “trabalhando com leitura e formação, com literatura e poesia, este precisa ser o nosso horizonte: humanização, resgate da experiência humana, conquista da capacidade de ler o mundo, de escrever a história coletiva, de expressar-se, criar, mudar.” (p. 47).

Queirós (1999) afirma desconhecer “liberdade maior e mais duradoura do que esta do leitor ceder-se à escrita do outro, inscrevendo-se entre as suas palavras e os seus silêncios.” (p. 22). Essa preciosidade que pode ser sentida e vivida por mim e por você, por cada indivíduo que se permite articular no texto, junto com o outro – o autor – sua própria voz, sem menosprezar ou deixar de dar atenção aos pensamentos e vozes que por ali já passaram ou que ainda passarão. Ceder-se a si próprio e ao outro é um exercício formativo e desafiante e, ao vivê-lo, vivemos a experiência e temos chances para reescrever o mundo.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. As variadas formas de ler. In: PAIVA, A. (Org.). *No fim do século: a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 121-134.
- _____. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: UNESP, 2006.
- BRAGANÇA, I. Sobre o conceito de formação na abordagem (auto) biográfica. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 157-164, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://ppgedu.org/ffp/wp-content/uploads/2015/09/Educacao-2011.pdf>. Acesso em: 06 abril de 2014.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2014.
- _____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. *Questões de Literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v.1)
- FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). *O método (auto)biográfico e a formação*. São Paulo: Paulus/EDUFRN, 2010, p. 30-57.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 2003.
- KRAMER, S. *Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso*. São Paulo: Ática, 2010.
- _____. Formação inicial e continuada: do direito dos professores à escrita e à leitura literária. In: FONTOURA, H.; SILVA, M. (Org.). *Formação de Professores, Culturas: desafios à Pós-Graduação em Educação em múltiplas dimensões*. Rio de Janeiro, ANPED Nacional, 2011. p. 37-49. Disponível em: < <http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/ebook2.pdf> >. Acesso em: 22 jan. 2015.
- _____. Leitura e escrita de professores: da prática de pesquisa à prática de formação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 19-41, jan/fev/mar/abr. 1998. Disponível em: <http://anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE07/RBDE07_04_SONIA_KRAMER.pdf> Acesso em: 09 abr. 2015.

- _____. Leitura e escrita como experiência – seu papel na formação de sujeitos sociais. *Revista Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, MG, v.6, n.31, p. 17-27, jan./fev. 2000.
- _____. *Por entre as pedras; arma e sonho na escola*. São Paulo: Ática, 1993.
- LAJOLO, M. Carta aos leitores. In: LEITE, M. de Almeida e SOSTO, P. (Coord.) *Palavras de encantamento: antologia poetas brasileiros*. São Paulo: Moderna, 2001. p. 5-6 (Coleção Literatura em minha casa, v.1).
- NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In:_____. *Os professores e a sua formação*. Portugal: Publicações Dom Quixote, 1995. p. 15-33.
- PAZ, O. *Tradução: literatura e literalidade*. Ensaio traduzido por Doralice Alves de Queiroz. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009. Disponível em: <<http://150.164.100.248/vivavoz/data1/arquivos/traducao2ed-site.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2015.
- QUEIRÓS, B. C. de. O livro é passaporte, é bilhete de partida. In: PRADO, J.; CONDINI, P. (orgs.). *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 23-24.
- _____. O professor deve ter ‘hálito’ de leitura. *Revista Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v.13, n.78, nov./dez. 2007, p. 5-9. Entrevista concedida a Juliana Ângelo Gonçalves, Rosângela Guerra e Silvana Costa.
- RIBAS, M. C. Leituras & leitura de literatura ou o (re)nascimento do leitor. *Soletras*, São Gonçalo, n. 16, ano 8, p. 59 -76, jul./dez. 2008.
- SILVA, J. da. *Tecer e (re)bordar: histórias de leitura em narrativas docentes*. 2016. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais) – Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2016.
- TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- YUNES, E. Leitura como experiência. In: _____; OSWALD, M. L. (Org.) *A experiência da leitura*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 7-15.
- _____. Leituras, experiências e cidadania. In: _____; OSWALD, M. L. (Org.) *A experiência da leitura*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 41-56.
- _____; PONDÉ, G. *Leitura e leituras da literatura infantil: Por onde começar?* São Paulo: FTD, 1989.